A COMUNIDADE É A BASE DA SOBREVIVÊNCIA
Uma leitura de 1Pedro diante do problema do desemprego

Aldo Dal Pozzo

Julho de 1998. Centenas de famílias de "brasiguaios" (brasileiros residentes no Paraguai ou os nascidos de famílias brasileiras aí residentes) iniciavam um caminho de retorno ao Brasil. Conversando com eles, amontoados em improvisados acampamentos no oeste do Paraná, a gente ouvia histórias. Contavam que lá viviam sem trabalho, sem terra e sem documentação. Quer dizer, a maioria deles não possuía propriedade. E nem podiam possuir. Faltava-lhes documentação. Mas a documentação não lhes era concedida. Trabalhavam para fazendeiros, em geral brasileiros, que lá se haviam instalado. Muitos contavam que seguidamente lhes era negado o pagamento do serviço. Outros foram lá, "amansaram" a terra para os fazendeiros e acabaram sem nada. Estavam sujeitos a toda sorte de arbitrariedade. Voltando ao Brasil, os cartórios daqui se negavam a registrar como brasileiras as crianças nascidas no vizinho país. Além disso, encontraram a hostilidade de muita gente. Houve casos de despejos de acampamentos de brasiguaios por parte da polícia. De forma violenta. Na opinião pública se lançavam acusações contra lideranças. Ou se acusava a Igreja e o MST (Movimento dos Sem-Terra) de incitar essa volta "inoportuna".

Vou tentar ler a Primeira Carta de Pedro tendo diante de mim este quadro.

Introdução – O assunto de 1Pedro: confortar e reunir migrantes mal-amados

Vamos tratar da questão dos "desempregados". Quando se usa a Bíblia para tratar desse assunto temos que ter cuidado. É que naquele tempo não havia a divisão de trabalho como existe hoje. E a mão-de-obra tinha muita importância. Nada se fazia sem muita mão-de-obra. Não é como hoje. Pelo contrário. O trabalho manual vai hoje perdendo seu lugar. Na roça e na fábrica necessitam-se cada vez menos pessoas. Mesmo assim, a gente pode encontrar, em histórias da Bíblia, situações parecidas com as do nosso tempo. Tanto ontem como hoje, muita gente tem que ficar ouvindo coisas do tipo "para você não tem lugar".

Então nós vamos estudar 1Pedro da seguinte maneira: vamos entender que os *estrangeiros*, os *dispersos* e os *residentes em terra estranha*, que aparecem na carta (1,1.17; 2,11), eram pessoas que tiveram que sair de sua região em busca de sobrevivência. Porque onde estavam não havia mais jeito de trabalhar e viver em paz. Assim, entraram na luta de muita gente: conseguir trabalho, nem que seja muito longe. E na nova região, segundo a carta, não estão se sentindo em casa. Estão sendo vistos com desconfiança. São pobres.

1. Um povo feito de gente à procura de trabalho

Gente de fora tentando ocupar um lugar. É isso que a gente descobre na carta.

a) Gente da diáspora. A Primeira Carta de Pedro fala de *gente dispersa,* gente da *diáspora* (1,1). Na Bíblia, essa palavra indica um grupo de pessoas vivendo fora da terra de Israel. A mais comentada diáspora é a que ocorreu com a destruição de Judá, em 587 aC. Na ocasião o povo foi levado para a Babilônia. Muitos lá se deram bem. Outros não. Foi uma terra de aflição (veja o Salmo 137). Mais tarde retornaram do exílio. Alguns grupos voltaram a Judá. Outros foram morar ao longo da costa do Mediterrâneo. Voltaram justamente os que lá não se deram bem.

Não estou dizendo que todos os judeus da diáspora foram forçados a migrar. Mas sabemos que a *dispersão* freqüentemente aconteceu de forma violenta. Por exemplo, pelo ano 200 aC, foram deportadas duas mil famílias judias da Mesopotâmia e Babilônia para a Lídia e Frígia, regiões mais ou menos próximas dessas mencionadas em 1Pd. O NT fala freqüentemente de pessoas expulsas dessa ou daquela região. Atos 18,2 conta que o imperador Cláudio expulsou todos os judeus de Roma. Isso no ano 49 dC. Apocalipse 1,9 fala de João que também tinha sido expulso. Habitualmente os imperadores romanos expulsavam da cidade de Roma os tidos por subversivos ou agitadores sociais, ou os miseráveis.

O falado historiador Flávio Josefo, que é mais ou menos da mesma época de Jesus, e é a melhor fonte que possuímos sobre a vida dos judeus no início do cristianismo, fala de certas práticas violentas dos romanos. Assim, por exemplo, fala que, nos anos 69 a 79 dC, Vespasiano, imperador romano, e seus oficiais arrasavam aldeias, massacravam dezenas de milhares de camponeses, vendiam milhares de outros como escravos. E para administradores públicos nomeavam seus próprios soldados ou a nobreza judaica que tinha entregue sua cidade[1]. Fácil imaginar a situação precária das pessoas que conseguiam sobreviver. A única saída para sobreviver era fugir, ir em busca de outras terras.

Claro, na região citada por 1Pedro havia não apenas judeus. Havia mistura de muitos povos. Para nosso estudo aqui, basta ter presente que o termo *diáspora* se refere a pessoas que por um motivo ou outro estão vivendo fora de sua terra natal. Ou como se fossem estrangeiros na própria terra onde nasceram. E em situação precária. Mas temos que ter cautela. Não podemos afirmar que todos os cristãos eram pessoas exiladas ou desterrados recentes. Esse termo – *diáspora* – era dito porque cristão era isso mesmo: fazia parte dessa multidão de gente andarilha que também queria viver. Eram pessoas fora de sua pátria. Mesmo os que tinham nascido nessa região eram considerados estranhos.

b) Residentes em terra estranha. Há um tipo de gente *dispersa* que 1Pedro chama de *residentes em terra estranha,* os *paroikoi* (1,17; 2,11). Se estão assim, é porque

1. Confira Richard A. HORSLEY / John S. HANSON. *Bandidos, profetas e messias*, São Paulo: Paulus, 1995, p. 190.

vieram de uma situação sem trabalho, ou de uma região em que estava difícil sobreviver. E no lugar onde agora residem não são bem aceitos. Pobre e migrante em geral é difamado (2,12). Deve submeter-se a qualquer patrão, seja bom ou perverso (2,18). Pelo jeito não são empresários que foram a esta região para aumentar os negócios. Esses são bem recebidos.

Estrangeiros, estranhos, mas residentes. São pessoas que não se acham em sua própria casa. Não possuem raízes nacionais. Têm linguagem, costumes e cultura diferentes. Sua filiação política, social ou religiosa é diferente da do povo no meio do qual habitam. São pessoas deslocadas, fora do seu lar e lugar. São alvo de curiosidade e olhares de suspeita. Estão segregados da sociedade. Culturalmente estão alienados. Não possuem a liberdade nem os direitos civis e nacionais dos nativos.[2]

A Septuaginta, que é a tradução grega da Escritura, feita uns 250 anos antes de Cristo, utiliza a palavra *paroikos* (*residente em terra estranha*) justamente para traduzir o termo hebraico que significa um *estrangeiro que está morando em terra estranha*. Desse modo, Abraão foi um *paroikos*, Moisés foi um *paroikos*, o povo israelita foi *paroikos*, etc. Esta palavra como substantivo ou verbo ocorre mais de cem vezes no AT. E é este o sentido também nos escritos não bíblicos ou no ambiente secular do mundo grego.

Vamos dar um exemplo. Abraão chega à terra de Canaã, entre os hititas. Ali é considerado "um estrangeiro e um residente". Não tem direito sequer a uns palmos de terra para sepultar sua esposa Sara. Precisa suplicar este favor aos moradores do lugar. Sinal que Abraão não possuía propriedade. Acabou recebendo uma posse por ser simpático (confira Gn 23). O mesmo se dá com Moisés em Madiã (confira Ex 2,22) e os israelitas no Egito (Dt 23,8). Foram estrangeiros que residiram em terras de outros povos. Em situação de instabilidade.

A documentação extrabíblica informa que os estranhos residentes (*paroikoi*) constituíam um problema para as cidades gregas. Somente os *cidadãos* podiam ter a posse da terra. No entanto havia uma grande quantidade de camponeses que moravam no interior ou nos arredores das cidades. Mas não podiam possuir terra.[3] Eram um sério problema para a aristocracia, isto é, as classes ricas. Há informações de que numa distribuição pública de trigo eles receberam bem menos que os cidadãos comuns.[4]

2. Confira John H. ELLIOT. *Um lar para quem não tem casa*, São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 28.

3. "A base de sustentação do Império Romano era agrária... A pirâmide social das sociedades agrárias apresenta um corte violento entre cinco classes privilegiadas e quatro dependentes. O topo é extremamente fino e alongado (parece uma agulha), a base extremamente chata e larga. As classes privilegiadas são basicamente as seguintes: o governante; a classe dirigente (1%); a classe arrendatária (5%); a classe dos mercadores; a classe sacerdotal. As classes dependentes são quatro: a classe camponesa, que constitui a imensa maioria; a classe dos artesãos (5%); a classe degradada: carregadores, mineradores, prostitutas; e, finalmente, a classe dos excluídos, que engloba uma variedade muito grande de pessoas, desde mendigos, foras-da-lei, diaristas". Eduardo HOORNAERT. *Cristãos da terceira geração (100-130)*, p. 45. Por sua vez, este remete a CROSSAN. *O Jesus histórico*, p. 81.

4. Confira John H. ELLIOT. *Um lar para quem não tem casa*, São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 30-31.

As informações da Escritura sobre a situação econômica dos estrangeiros residentes dão o que pensar. O livro do Eclesiástico, relativamente recente, escrito uns 150 anos antes de Cristo, parece indicar que o estrangeiro residente tinha duas alternativas: ou ser mendigo, morando debaixo de algumas tábuas, ou ser escravo na casa de outros. Aí até que podia comer coisas boas, mas devia agüentar muita coisa: devia ficar calado, trabalhar sem receber agradecimentos, ouvir palavras duras, ofensas e injúrias (confira Eclo 29,21-28). Para concluir, o *residente em terra estranha* era alguém sem trabalho fixo e estável. A Primeira Carta de Pedro foi escrita a esse pessoal.

c) Estrangeiros em trânsito. Em situação até pior estavam os *estrangeiros em trânsito* (*parepidemoi*) (1,1; 2,11). São os visitantes de passagem, transeuntes, imigrantes e migrantes. Esses não têm intenção de morar em definitivo onde no momento se encontram. Aliás, nem querendo podiam aí residir. Podiam ser escravos ou livres. Não tinham direitos civis e sociais nas cidades gregas. Estão numa situação semelhante e até mais precária que os *estranhos residentes*. Mas nem todos os estrangeiros em trânsito estavam em difícil situação econômica. Muitos deles podiam ser artesãos, operários especializados, comerciantes e negociantes. Mas o conjunto estava numa situação precária. Os escritos da época informam que esses estrangeiros em trânsito eram pessoas desclassificadas, sem casa e sem amparo. Marginalizados.[5]

Diante disso, o que fazer?

2. Não se adaptar a essa sociedade que exclui: Inventar outra

Um povo de ofendidos e rejeitados. Foi a gente assim que foi escrita a Primeira Carta de Pedro. A carta não pára de falar no sofrimento dos cristãos. Parece que só o *poder de Deus* (1,5) lhes garante a sobrevivência. Nenhum motivo humano para ser feliz. O autor parece marcado e impotente. Procura dar conselhos, mas não consegue passar de um assunto para outro sem falar de novo no sofrimento e na provação. Certo, em outras cartas do NT também se fala nisso. Mas nesta Carta de Pedro o tema parece que passa dos limites. A impressão que se tem é que 1Pedro não vê alternativa: a única saída possível é agüentar. Ao falar do sofrimento de Cristo, tem presente o sofrimento atual dos cristãos (1,11).

Então a situação estava precária. A gente poderia fazer a pergunta: o que está causando *tantas provações* (1,6)? Se fossem sofrimentos naturais, tipo alguma doença ou seca ou enchente, nem precisava fazer exortações. Isso o povo vai levando, sem problema. Mas parece que aqui os sofrimentos são produzidos. Porque, pelo jeito, só os cristãos estavam na pior.

5. A Bíblia de Jerusalém, página 2272, nota *s*, entende esse termo em sentido figurado. Diz tratar-se de uma citação do Salmo 39,3, também citado em Hb 11,13; diz que essa citação devia pertencer à catequese primitiva que considerava a vida cristã uma vida no exílio. A discussão deste ponto tornaria muito longa a conversa. Sem negar o sentido figurado, deve-se levar em conta que esse termo reflete as condições concretas do mundo greco-romano na segunda parte do primeiro século. Aos muitos estrangeiros residentes se negava o direito de cidadania. Viviam como intrusos e por isso eram mal vistos.

O sofrimento tem várias causas. Não é possível neste curto artigo dizer muito. Sabe-se que em certas épocas era proibido ser cristão. Quando alguém era acusado de ser cristão, a polícia do Império Romano vinha prender e bater. Pode ser que o escritor esteja pensando nisso quando, por exemplo, em 1,6 apresenta o sofrimento como inevitável para o cristão. Os Atos dos Apóstolos e o Apocalipse falam muito de perseguições suportadas pelos cristãos. Já falei que a linguagem apocalíptica e escatológica (1,5; 2,12; 4,5.7.17 etc.) é utilizada sempre em épocas de sofrimento gerado por crise econômica e por causas políticas.

As autoridades controlam e fazem violência contra a população (confira 2,13-15). A carta fala dos *insensatos* (2,15). Esses deviam ser do partido ou ser funcionários dos governantes. Dominam a situação. Levam às autoridades denúncias contra os cristãos. A única forma de lhes tapar a boca era mantendo-se mansos e submissos (2,12-13). Porque eram pobres e fracos.

Existe a carta de um governador da Bitínia, um tal de Plínio, escrita em 112 dC. Nela fala que mandava torturar os cristãos que não aceitavam adorar a estátua do imperador e as estátuas dos deuses.[6] O livro do Apocalipse conta que quem não era amigo do império ou do partido do imperador não podia comprar nem vender (confira Ap 13,16-17). Seja como for, a maioria dos cristãos fazia parte dos excluídos econômicos e sociais do império. E não eram poucos. A grande maioria da população nem podia pensar, por exemplo, em ter terra própria.

Repetindo, a Carta foi escrita para o pessoal *disperso* (1,1). Isso indica que foram formadas comunidades justamente desse pessoal sem vez. Não eram povo (2,10). Eram *pedras rejeitadas*, não valiam nada (2,4). Viviam sob ameaças e amedrontados por espiões difamadores, governadores e déspotas (2,11-18). Mas se tornaram *povo de Deus* (2,10). O problema é que entre os próprios cristãos há quem tenta se adaptar ao sistema do império. É o caso de quem está mais preocupado com *jóias de ouro e roupas vistosas* (3,3). Ou os que aceitam a religião do império, a *idolatria* (4,3). Outros são levados às *glutonerias e bebedeiras* (4,3). Outros estavam sujeitos a ser *assassinos* ou *ladrões* (4,15). E lideranças da comunidade podiam ser gananciosas (5,2). E então, claro, os grupos dominantes tinham farto material para continuar a despejar sobre os pobres seus preconceitos e desprezos. A exclusão tem causas externas mas se agrava com os problemas internos.

A base para fugir do sistema excludente é a formação de um outro tipo de comunidade. A carta a chama de *edifício espiritual* (2,5). Se o império não deixava viver, o jeito era formar uma comunidade que não aceitasse as leis da globalização, como diríamos hoje. A carta aos Hebreus, escrita em contexto semelhante, manda sair para fora dos muros da cidade (Hb 13,12-13). Quer dizer, esse tipo de sociedade que deixa gente de mãos vazias não presta. É preciso encontrar outras formas de convivência. A carta lembra que todos possuem alguma capacidade que deve ser posta a serviço da comunidade (4,11). Quem está ligado à comunidade sempre encontra um jeito de se dedicar a alguma atividade construtiva. O puro ócio não faz bem. O serviço fortalece os vínculos comunitários. Se o desempregado está ligado à comunidade, tem força para exigir que o pessoal todo se mexa para encontrar uma solução. Desse modo, a comunidade aprende que o problema de um é problema de todos.

6. Essa carta de Plínio pode ser lida na revista "Pergunte e Responderemos", 432/1998, p. 230-232.

3. O desempregado é povo de Deus: Precisa preparar um novo "êxodo"

Nas cidades greco-romanas existia o *apartheid.* Aí se distinguem três grupos de moradores: em primeiro lugar os cidadãos plenos (os *politai*), com seus direitos e privilégios; só estes podiam ser donos de terras; em segundo lugar, e abaixo destes, estavam os chamados residentes em terra estranha (os *paroikoi*); e, por último, os estrangeiros (os *xenoi*).

Iam chegando os migrantes às cidades. Populações marcadas pela penúria. Queriam achar um lugar para morar. Os da cidade diziam que eram um bando de pessoas sem charme. Rústicos. Daí o preconceito e rejeição. Ninguém os acolhia. Por cima de tudo, alguns se fazem cristãos. E aí o *incêndio* ameaça devorá-los (4,12).Tinham que se ajeitar por aí. Os estrangeiros não eram cidadãos. Segundo 1Pedro, parece que os que são cristãos não são cidadãos. Trabalham nas terras dos outros (confira 2,18). E estão expostos às arbitrariedades (2,18-20). Em suma, mal-vistos e desprezados, gente pobre, migrantes sem trabalho e sem nada, a carta vai dizer que eles devem tomar uma posição.

Perante o *apartheid* social e econômico, o autor de 1Pedro começa garantindo aos cristãos que eles têm dignidade. Embora os donos do mundo os rejeitem (2,4) e desprezem, Deus os escolheu, afirma. Eles são os eleitos de Deus (1,1). Embora sejam gente sem direito à posse da terra, isto é, à *herança,* Deus lhes garante o direito a essa *herança* (1,4). Certo, a carta fala de uma *herança reservada nos céus, incorruptível* (1,4). Mas é por aí que a gente toma coragem para dizer que os cidadãos do céu devem ser também cidadãos da terra. Sim, estão vivendo num mundo de morte. A sociedade não os quer deixar viver. Em toda parte são amaldiçoados (2,12). Tiveram que sair de sua pátria. Onde agora estão, não são aceitos. Apesar disso, eles são os abençoados de Deus (1,2). Deus os gerou não apenas uma vez, mas os *fez nascer de novo* (1,3). Embora estejam dispersados no meio do império e não sejam povo, a carta lhes assegura que são o *povo de Deus* (2,10).

Na Escritura, esta afirmação é a base para o povo nunca aceitar exploração e opressão. E era a bandeira para partir em busca da terra livre para todos. Na situação em que estavam, os cristãos não podiam acomodar-se. Pelo contrário. Tinham que dar um jeito de ser povo dentro do Império Romano. É uma espécie de um novo "êxodo". Um não-povo torna-se povo. Na roça ou na cidade, a terra, e tudo o que ela contém, é de Deus. Fortalecendo-se internamente, os migrantes têm força para exigir ter parte na terra. Porque o povo de Deus tem dignidade e valor. Não pode ficar por aí deserdado.

4. A pessoa humana como centro de uma nova ordem

Este povo há muito tempo foi jogado de um lado para outro. A Primeira Carta de Pedro, sem querer ou querendo, mostra alguns grupos diferentes de pessoas. Deixa enxergar que existiam algumas pessoas prevalecidas. Existem, por exemplo, os que não crêem (2,7). Esses incomodam (2,7-8). Claro, essa questão é melindrosa. Porque uma parte da briga é por motivos religiosos. Uma coisa que chama a atenção é o agir dos reis, dos governadores (2,13-14) e dos fazendeiros, donos de escravos (2,18). Diante deles, o povo não tem valor nenhum. Cai sobre este povo um pesado poder. Poder que exclui.

Onde existe riqueza concentrada, existe miséria. E migração forçada. Isso o povo estava cansado de experimentar. Desde muito tempo esse povo está disperso, sem lugar garantido. Hoje existe a idolatria do progresso. Um tipo de progresso que alguns ecologistas chamam de suicídio coletivo.

Pois é. A Primeira Carta de Pedro mostra que o perigo mora ao lado. A independência econômica, embora sempre relativa, tem a tendência de fechar as pessoas no seu mundo. De torná-las egoístas e auto-suficientes. Percebe-se na carta o fascínio que exercem o *ouro* e a *prata* (1,7.18; 3,2), as *vestes luxuosas* (3,3), a possibilidade de possuir uma *herança* (1,4), coisas *preciosas* (2,4.7) etc. Destes bens o povo em geral estava destituído. O caminho não era por aí. Não se resolve o problema, que é de todos, de forma individualista. A solução para essas pessoas sem trabalho, sem terra e sem documentos (instabilidade econômica, social e jurídica), estava numa nova ordem de valores. A vida deste novo povo devia ter por fundamento a *bênção* (1,2; 3,9), a *graça* (1,2.13), a *paz* (1,2), a *esperança* (1,3; 3,15), a *fé* (1,7). Eles têm direito a uma *herança incorruptível* (1,4), à *salvação* (1,9; 2,2), porque renascidos de uma *semente incorruptível* (1,23). São *pedras vivas* de um novo edifício (2,5). Cristo é o seu *tesouro precioso* (2,7). São possuidores do *Espírito de glória* (4,14), chamados para a *glória eterna* (5,10). A resposta será uma vida na justiça (2,24; 3,12.14), um *espírito manso e tranqüilo* (3,4), a santidade de comportamento (1,15).

Seria isso "ópio do povo"? Claro que ninguém vive só de "paz e amor". O caso é que o desemprego, e conseqüente migração, é resultado da idolatria do capital. As pessoas estão a serviço do capital. Que se dane a pessoa humana, que se salve o capital. Individualismo sem limites. Hoje a gente chamaria liberalismo. Ou neoliberalismo. Que forma grupos poderosos. E ditaduras econômicas e políticas. Por isso precisa trazer a pessoa humana para o centro da discussão. Os valores humano-cristãos podem pôr um freio à ditadura econômica e política. Eles podem restabelecer o equilíbrio quanto às posses. Ajudam a formar uma consciência de coletividade. A acumulação de bens será orgânica, para todos. Sem esses valores, nenhuma transformação será profunda e duradoura. Alguém dizia que dá para fazer uma revolução sem o Evangelho. Mas não perdura sem o Evangelho. Quer dizer, sem pôr dentro da gente uma nova visão do mundo e da sociedade (fraternidade, democracia, participação), pouca coisa se pode esperar. Só uma nova ordem de valores vai produzir uma nova ordem social e econômica. É preciso radicalizar.

5. Criar solidariedade: O que a máquina produz tem que ser de todos

A história daquele tempo conta que nessas regiões o pessoal vivia em atrito. Havia rivalidades entre uns e outros. Os *cidadãos* (*politai*) desprezavam os *residentes em terra estranha* (*paroikoi*). Estes, os *paroikoi*, desprezavam os *estrangeiros* (*xenoi*). E estes tinham ressentimentos e inveja tanto dos *politai* como dos *paroikoi*. Porque só os *politai* podiam ter terra, a principal fonte de renda. Os *paroikoi* não podiam ter terra, mas podiam cultivar a terra alheia. Ou ser artesãos ou comerciantes. Os *xenoi* não podiam nada. Por exemplo, pelos anos 40 dC temos o caso dos judeus residentes no Egito que foram reduzidos à condição de "estrangeiros e forasteiros". Para eles isso foi uma desgraça. É bom olhar bem para esses *xenoi*. Eles lutavam para conseguir ser ao menos como os *paroikoi*. Aí já começariam a ter algumas vantagens. No entanto, mesmo esses *paroikoi* continuavam sob exploração política e econômica por parte dos *cidadãos*. Boa parte dos *paroikoi* eram camponeses. Alguns artesãos. Muitos acabavam entre as classes sujas e degradadas, os dispensáveis.[7] Em resumo, quem não era *cidadão*, não tinha chance de se dar bem. É sobretudo a esse pessoal que 1Pedro se dirige.

Nesse contexto a gente entende por que a carta pede, por exemplo, que os cristãos, que fazem parte desses destituídos de direitos civis, sejam submissos às autoridades (2,13-15) e aos fazendeiros (2,18). Era o único jeito de sobreviver. Mas é bom distinguir: autoridade tirana é uma coisa, e autoridade democrática é outra coisa. O Estado existe para pôr à disposição de todos os bens que são de todos. Qualquer pessoa sabe que dentro e ao redor de certas prefeituras há um "bando de chupins". Freqüentemente se fala que o Estado produz corrupção. O que não deixa de ter seu lado de verdade. Mas ela se produz por falta de participação popular. Alguma disciplina um pouco rigorosa nas comunidades é preciso. Mas elaborada com participação popular. Presidente de associação de bairros sempre reclama que não há participação do povo nas reuniões. 1Pedro ensina que, na comunidade que estava nascendo, todos precisavam aprender a *consagrar-se ao serviço uns dos outros* (4,10).

Uma das características do espírito do nosso tempo é a quebra da solidariedade. O individualismo está arraigado. Em toda parte se fala em ser competente e vencer. Mas o engraçado é que existem economistas e outros mais que escrevem livros e artigos em jornais para defender o individualismo. Sinal de que precisam combater uma tendência ou um ideal, que para eles é utópico, de ter tudo em comum. O certo é que o individualismo não tem futuro. Porque ele conduz à destruição do próprio planeta. Então a gente pode perguntar: o que a primeira carta de Pedro tinha a dizer para pessoas deslocadas, sem terra e sem trabalho estável? Como vimos acima, a carta procura suscitar o cultivo da auto-estima. São *edifício espiritual* (2,5), são *povo de Deus* (2,10), etc. Mas a carta informa que *o sofrimento atinge os irmãos espalhados pelo mundo* (5,9). Era preciso criar formas de solidariedade para autodefesa.

7. Confira John Dominic CROSSAN. *O Jesus histórico*, p. 78-82.

De um lado era preciso manter firme a fé (5,9), de outro era preciso sobreviver em meio ao *incêndio* (4,12). Tribulação era o que não faltava. Era coisa comum (4,12b). Isso punha em risco não somente a fé, mas a própria sobrevivência. Sabe-se que muitos cristãos voltavam para trás, apostatavam quando eram levados aos tribunais. Outros não. Se a carta foi escrita pelo ano 100 ou seguintes, então estava-se em plena época de perseguição oficial aos cristãos. Mas a animosidade contra os cristãos já existia antes. A carta aos Hebreus, escrita talvez em ambiente semelhante, é explícita quanto à solidariedade em relação aos que eram apresentados como espetáculo ao mundo, isto é, os atribulados e injuriados (Hb 10,33). Solidariedade supõe defender-se mutuamente.

Essa mútua defesa e apoio só existem quando há um valor comum a defender. No caso dessa comunidade petrina, tratava-se de defender pessoas que vinham de várias vicissitudes, haviam se tornado cristãs e tentavam se organizar para sobreviver. Só um sistema de convicções e valores podia mantê-las unidas num ideal comum.

Ora, as comunidades cristãs podem contribuir neste ponto: ligar a fé com a vida. Fé e carência de pão é contradição. Daí a recomendação da *hospitalidade* (4,9). Ainda hoje se nota que as pessoas sem-terra ou sem-teto põem-se à disposição uns dos outros. O sem-trabalho não pode ser tratado como um "coitadinho" que precisa de auxílio. Ele também é *povo de Deus*. Com direitos iguais. Tem direito a ser *hóspede* na terra. Como viabilizar essa permanente *hospitalidade* são outros quinhentos. É preciso encontrar um jeito para que aquilo que o povo produz, com máquina ou sem máquina, seja de todo o povo. O Estado e seus governantes existem para isso: para coordenar formas de pôr em comum tudo o que se produz. A sociedade tem o dever de *hospedar* todos os cidadãos. Não estou defendendo o puro assistencialismo. O assistencialismo não é educativo. Mas é só ter um pouco de criatividade e descobrir tantas formas possíveis de as pessoas contribuírem com a sociedade em troca de condições de sobrevivência. É até uma forma de evitar um pouco a criminalidade. Desse modo se assegura que ninguém vai ficar sem viver em paz. E todos poderão se sentir realizados e úteis. Por isso, nestes tempos em que muitos cristãos se voltam sobre si mesmos, e se adaptam ao sistema; nestes tempos em que a religião é vivida em grande parte apenas no âmbito individual, a carta de Pedro ensina a *hospitalidade*, um nome para a solidariedade. Isto é, exige a participação para uma nova ordem.

6. A ética fortalece a resistência

Gente que ia chegando para tentar ganhar a vida. Só que podiam ter os mesmos vícios dos outros. 1Pedro chama a atenção: a vida desregrada produz desintegração social (2,13-16.18; 4,3). Os problemas aí apontados são típicos, embora não exclusivos, de situações urbanas, muito povoadas. O mundo rural em geral exige dedicação sem trégua ao trabalho. E limita a possibilidade de muita *embriaguez, glutonerias e bebedeiras* (4,3). Se estivessem todos na roça, não haveria o problema das suspeições e desprezo das pessoas ao redor. Estariam relativamente isolados.

Vindo de fora, e vistos como ocupando o lugar dos nativos, os migrantes precisam adquirir a simpatia perante a sociedade. Isso se consegue também através

de um *bom comportamento* (2,12). Por isso a questão do emprego passa também pela ética. Se a comunidade consegue manter-se na integridade, consegue lutar junto e agüentar. Mas se nela houver algum *assassino ou ladrão, malfeitor ou delator*, a comunidade se desintegra e fica sem moral para enfrentar os problemas (confira 4,12-19). Porque então a sociedade, já cheia de preconceitos e má vontade com esses migrantes, tentaria legitimar atitudes violentas contra eles. A carta sugere que existia violência contra esses migrantes pelo simples fato de estarem nessa condição. Podiam ser acusados gratuitamente. Era preciso, com bom comportamento, tapar a boca aos acusadores (confira 2,13-15). Era preciso romper com a vida de desordem (confira 4,1-3).

Lida nesta ótica, a 1Pedro é libertadora. Embora recomende, por exemplo, a submissão às autoridades e aos patrões, essa submissão tem a finalidade de manter o grupo unido. É a primeira etapa de uma estratégia maior. Se vivessem na desordem, seriam dispersados. E acabaria aí a comunidade. Hoje a imprensa explora muito certos problemas que ocorrem nos acampamentos de sem-terra. Ou gestos violentos em certas manifestações. A gente já conhece esse filme. A burguesia só tem comiseração quando o pobre fica em casa, quieto, morrendo de fome em silêncio. Quase nunca se fala que certos baderneiros ou violentos são desempregados crônicos. Exigir que os pobres sejam "santos" para estar do lado deles é antievangélico. A gente fica do lado dos desempregados porque estão numa situação desumana, e ponto. Mesmo assim, desempregados e seus aliados precisam continuar a ganhar a simpatia da sociedade para que sua luta tenha êxito.

7. A vida comunitária é a base da sobrevivência

Tanto no mundo antigo como hoje em dia, quando se diz *estou em casa,* a gente suspira aliviada. A *casa* era tudo no mundo antigo. Quem estava *em casa* trabalhava, tinha convivência e sobrevivência. Inclusive aí praticava a religião. Por isso, ser um estranho era uma experiência amarga. Quem estava nessa situação já tinha sofrido bastante. Tinha se dado mal na roça ou falido nos negócios. Ou tinha ouvido muito desaforo dos vizinhos ou dos ricos ou dos políticos que mandam. O estrangeiro em terra estranha freqüentemente era um frustrado em seu local de origem. O jeito tinha sido juntar os trapos e se mandar. Por isso a gente pode dizer que o estrangeiro residente era alguém que esteve ou ainda estava desempregado.

Como vimos, 1Pedro foi dirigida a *residentes em terra estranha* e *estrangeiros em trânsito*. Pessoas diminuídas, despossuídas e dispersas. Vivendo em meio hostil. E aí, o que fazer? A carta procura contribuir com o bem-estar social deles. Por isso, a todo instante insiste na importância da vida em comunidade. Visa fortalecer internamente a nova comunidade. Porque, enquanto a pessoa não se sente *em casa*, está sem nada. Sem trabalho e sem crédito. A carta praticamente só fala da vida na *casa* (*oikos*). Isso se percebe pela quantidade de vezes que usa palavras derivadas de *oikos* (casa) (1,17; 2,5.11.18; 3,7; 4,10.17). "Incorporar-se a um *oikos* (casa), quer fosse a família natural quer outra forma de agrupamento que oferecesse a proteção e o conforto como

que de uma casa, constituía anseio universal. Sobretudo em tempos de perplexidades, agitações e deslocamentos como o período helenístico-romano"[8]. A vida em comunidade pode oferecer um mínimo de segurança social. Essa vida comunitária precisa ser cultivada e fortalecida. Porque existem muitas maneiras de destruí-la. A pessoa só se sente valorizada e com auto-estima quando está *em casa*. Aí pode partilhar a mesma fé e ideal. E, naturalmente, os recursos. E consegue sobreviver. Por mais utópico que possa parecer, o *ter tudo em comum* tem que ser nosso ponto de referência e o objetivo último quando se trata do desemprego. Criar, talvez, associações de trabalhadores onde o fruto do trabalho de cada um é posto em comum. E com isso se pode garantir que também o desempregado sobreviva tranqüilo como membro dessa *comunidade*. Nas famílias isso já acontece.

Ontem e hoje

Alguém dizia que afirmar que só os mais competentes vão sobreviver é uma nova forma de nazismo. No entanto é isso que se diz tanto para a criança da pré-escola como para o adulto já cansado de sofrer. O desempregado pode estar sendo vítima dessa ideologia.

Tentei mostrar que o ponto de partida para o problema do desemprego é a vida em comunidade. Em comunidade não sobrevivem só os mais competentes. O problema do desemprego é um problema da incapacidade de viver em comunidade. É incapacidade de organizar a sociedade para ter tudo em comum. A questão é complicada. Mas há alguns sinais positivos, como o projeto da renda mínima. Se o desemprego é um problema da sociedade, esta sociedade precisa se mobilizar para resolver.

Bibliografia

ADINOLFI, Marco. "Forestieri e pellegrini (1Pd 2,11)", *Antonianum* 42 (1967), p. 420-434.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*, Rio de Janeiro: Imago, 1994, 543 p.

ELLIOT, John H. *Um lar para quem não tem casa*, São Paulo: Edições Paulinas, 1985, 257 p.

HAMMAN, A.-G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*, São Paulo: Paulus, 1997, 248 p.

HOORNAERT, Eduardo. *Cristãos da terceira geração (100-130)*, Petrópolis: Vozes, 1997, 144 p.

HORSLEY, Richard A. e HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias*, São Paulo: Paulus, 1995, 226 p.

Aldo Dal Pozzo
Caixa Postal 315
85851-000 Foz do Iguaçu – PR

8. John H. ELLIOT. *Um lar para quem não tem casa*, p. 205.